Francisco de Oliveira vincula ref

Entrevista: Francisco de Oliveira

CLAYTON LEVY
clayton@reitoria.unicamp.br

***O** sociólogo Francisco de Oliveira, professor titular da USP e fundador histórico do PT, tem uma maneira peculiar de interpretar a reforma da previdência proposta pelo governo federal. Para ele, trata-se de uma negociata que vai transformar o país numa espécie de ornitorrinco. "Estamos frente a um bicho que é uma mistura esdrúxula da coisa mais avançada do capitalismo financeiro com a coisa mais atrasada do subdesenvolvimento. O país será como um mamífero que bota ovo", afirmou Oliveira, ao falar para um auditório lotado na Associação dos Docentes da Unicamp (Adunicamp), na última terça-feira, durante o debate "Reforma da Previdência e o Futuro da Universidade".*

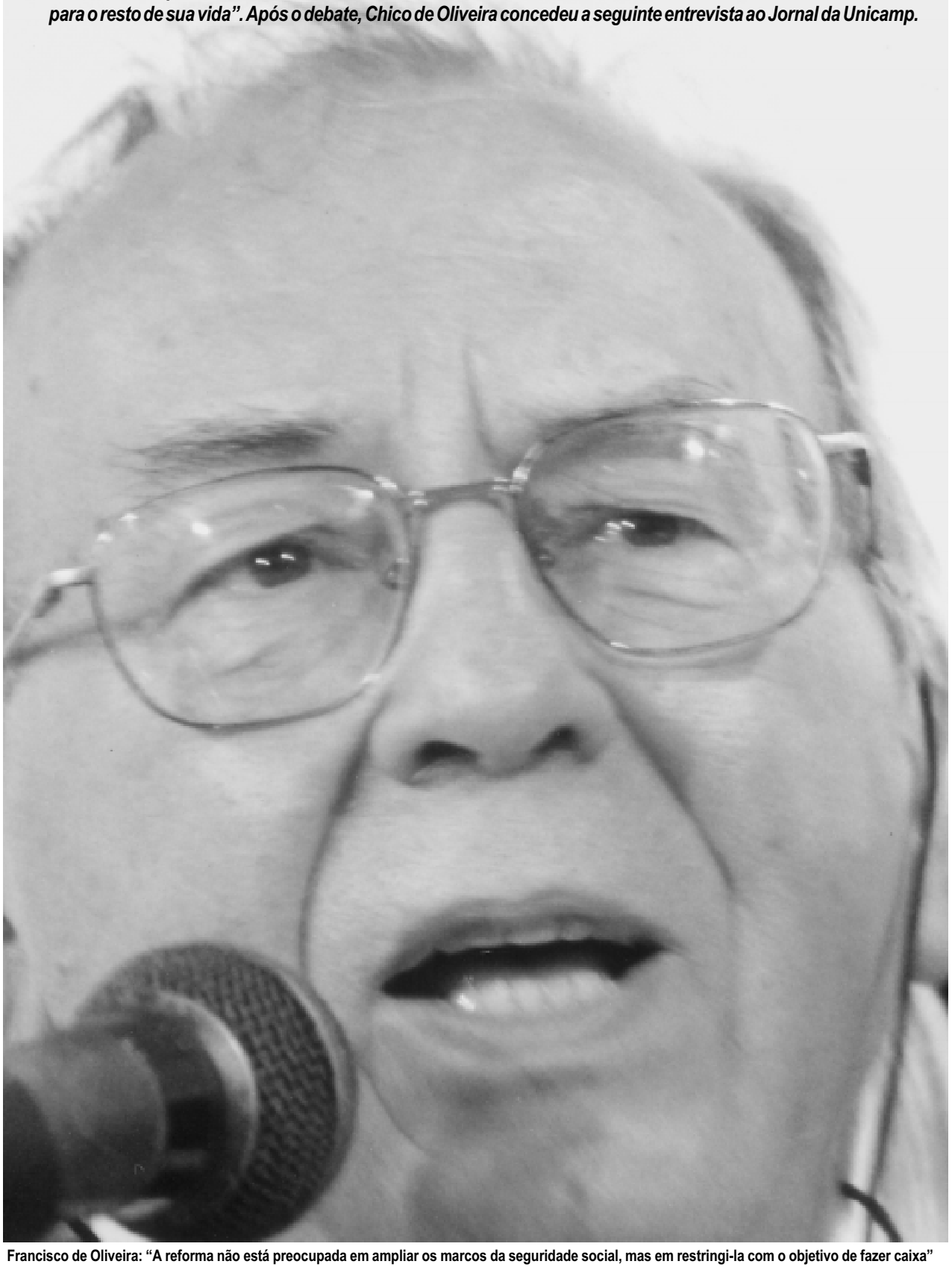
Voz pausada, porém forte, mantendo o sotaque que não lhe permite trair as raízes nordestinas, Chico de Oliveira, como é conhecido, diz que em sete anos a reforma irá concentrar no sistema financeiro uma quantia equivalente a pouco mais de 40% do PIB brasileiro. Citando estudos desenvolvidos pela USP, o sociólogo revela que até 2010, o dinheiro a ser captado pelos fundos privados chegará a R$ 670 bilhões. "Nem as privatizações realizadas nos últimos dez anos chegam a esse valor", comenta.

Um dos mais respeitados sociólogos brasileiros, Oliveira não esconde uma certa decepção com o PT, partido que ajudou a fundar em 1979. "Mesmo considerando toda a derrota do século 20, a queda do socialismo real, e a direitização da social-democracia, é uma enorme surpresa que isso tudo esteja sendo feito pelo PT", desabafa. "O trágico dessa história é que um partido de trabalhadores tem uma visão de estado que é mercadológica", completa.

Para Oliveira, trata-se de uma reforma privatista. "Não adianta dizer que os fundos serão públicos e de caráter fechado porque a essência deles será aplicada em títulos financeiros", observa. Segundo ele, uma reforma desse tipo vai na contramão dos objetivos da seguridade social. "O objetivo original era garantir o equilíbrio do trabalhador frente às oscilações do mercado", diz. "Quando se começa a tratar previdência social como uma questão de capitalização para reforçar os fundos financeiros, então estamos indo na direção oposta". Na opinião de Oliveira, a reforma, do ponto de vista social, é um "desastre" e, do ponto de vista econômico, "burra".

O sociólogo também critica o que chama de manipulação da opinião pública para reforçar a imagem negativa do funcionalismo. "Isso confirma os graves e profundos preconceitos da população contra o seu serviço público", diz. Segundo ele, ao afetar o funcionalismo a reforma também atingirá a economia. "Não ocorre aos formuladores da reforma que o salário dos funcionários públicos é um dos componentes fundamentais da demanda que propiciou parte do mercado para a industrialização", diz.

Oliveira reclama do "pouco caso" que os formuladores da reforma estão fazendo das universidades públicas. "Essa reforma ajuda a pregar o último prego no caixão das universidades públicas", diz. E adverte: "Sem a universidade pública, esta sociedade está condenada a ser um ornitorrinco e viver na Austrália ou na Tasmânia para o resto de sua vida". Após o debate, Chico de Oliveira concedeu a seguinte entrevista ao Jornal da Unicamp.



Fotos: Antoninho Perri

Francisco de Oliveira: "A reforma não está preocupada em ampliar os marcos da seguridade social, mas em restringi-la com o objetivo de fazer caixa"

Jornal da Unicamp — *Porque o senhor diz que a reforma da Previdência é uma grande negociata?*

Francisco de Oliveira – O objetivo primordial da reforma da Previdência é de caráter fiscalista. Ela não está preocupada em ampliar os marcos da seguridade social, mas em restringi-la com o objetivo de fazer caixa. Em segundo lugar, há um objetivo mais sombrio, que é o de inventar os fundos de previdência complementar para atender àqueles que têm salários mais altos que os limites estabelecidos pela emenda constitucional. Isso significa um mercado riquíssimo de seguros privados. Algumas simulações mostram que até 2010 esses fundos de Previdência, a partir da reforma, podem chegar a R$ 670 bilhões. Aos preços de hoje, esse valor corresponderia a quase 50% do PIB brasileiro. Se somarmos todas as privatizações de empresas estatais que foram feitas ao longo dos últimos dez anos, não dá nem um terço desses R$ 670 bilhões. Portanto, o que se esconde por trás da reforma da Previdência são altos negócios. E altos negócios, no sistema capitalista, não se fazem sem negociata.

JU — *Mas isso não contradiz a postura histórica das pessoas que estão no governo, que sempre usaram um discurso de esquerda contra os interesses do mercado?*

Oliveira – É uma grave contradição. Um partido de trabalhadores que é a coluna vertebral deste governo, o que deveria estar fazendo é ampliar a seguridade social. Em primeiro lugar, por razões de justiça social, razões de cidadania e até razões econômicas, porque a seguridade social constitui um poderoso regulador dos movimentos erráticos da economia. Mas infelizmente o Partido dos Trabalhadores, por meio de sua liderança, escolheu outro caminho. É uma grave contradição.

JU – *Do ponto de vista econômico, quais seriam as conseqüências negativas da reforma?*

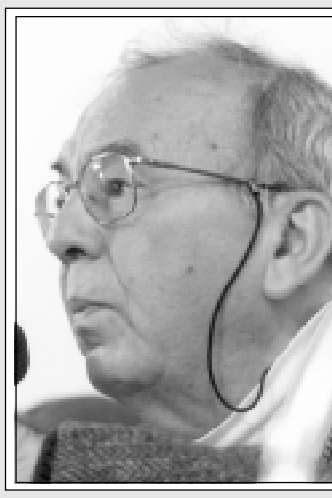
Oliveira – Afetará a renda das pessoas. Trata-se de um arrocho salarial disfarçado. Ninguém está falando desse aspecto. A imprensa não dá nenhuma atenção, mas isso é um formidável arrocho salarial.

JU – *Então, a quem interessa essa reforma?*

Oliveira – De uma ótica fiscalista interessa àqueles preocupados com o equilíbrio fiscal do estado. Mas interessa sobretudo ao capital financeiro, porque se criará um enorme mercado de seguros privados, que é uma espécie de maná do deserto. Deve ter sido esse o alimento de Moisés ao atravessar o deserto.

JU – *O senhor acha que ainda há margem de manobra para alterar alguma coisa significativa na reforma da Previdência?*

Oliveira – Sou pessimista. Os deputados estão falando em nome de quem? Deveriam estar falando pela força eleitoral que a institucionalidade do sistema partidário lhes confere. Nesse ponto há um corte. E nesse corte a instituição política do partido ganha uma economia em relação à chamada base social e não tem quem refaça essa ligação porque a institucionalidade dá direito ao partido de ser autônomo em relação à sua base. Ele perde o compromisso e você não tem como cobrar. O mandato representativo é ao



A economia periférica capitalista brasileira é um ornitorrinco

mesmo tempo delegativo. Uma
com o mandato, ele age de ma
ra autônoma. Isso é fatal para a
lação com a base. Exemplo dis
que os destaques propostos p
alterar o texto da reforma foran
tirados. Isso demonstra que nã
muita diferença hoje, no Brasil,
tre situação e oposição. Há uma
tura de interesses.

JU – *O senhor compara a a*
política econômica do gover
um ornitorrinco. Por quê?

Oliveira – A economia perifé
capitalista brasileira é um orni
rinco. É uma combinação esdrú
de setores altamente desenvolvi
um setor financeiro macrocefá
mas com os pés de barro. O o
torrinco brasileiro não é bem c
o ornitorrinco da Oceania. Ele é
figura magra, esquelética, susten
do uma cabeça enorme, que é
sistema financeiro, mas com pe
esquálidas e anêmicas, que são a
sigualdade social e a pobreza ex
ma. Esse ornitorrinco não é con
subdesenvolvimento, que surgi
uma singularidade histórica, qu
do o capitalismo mercantil alcan

Será criado um enorme mercado de seguros privado que é uma espécie de maná do desert

ma a interesses do mercado

nérica, destruindo as civilizações colombianas, e criando outras edades, chamadas subdesenvolvidas porque não eram um elo na cadeia do desenvolvimento, mas uma a criada pelo encontro do capitalismo com outras sociedades. O torrinco não é mais isso, porque raços originários da sociedade ileira já desapareceram ao longo de 500 anos e, portanto, são ou-.

J – *O senhor também diz que a ião pública está sendo manipula para reforçar a imagem nega do funcionário público. De que neira isso está ocorrendo?*

liveira – As classes dominantes ociedade brasileira são patrimonialistas. É uma sociedade que distingue o público do privado, ercado do estado. Quem se aproa disso são as elites e as classes hinantes. Isso gerou um estado conformado, cujos serviços são cários de fato, uma macrocefalia, nesmo tempo gigante e inope-e. É esta imagem que chega ao ão. O povão enfrenta filas. A cara ativa do estado brasileiro é esta medonha que o povo vê. Mas m o povo vê? Ele não vê o estaporque o estado é uma abstração ica. A materialidade do estado o povo vê é o funcionário público o atende, e às vezes o atende mal. ão há uma relação de amor e ódio e o povão e o funcionário públi-A imagem negativa que se faz do cionário público é, ao mesmo po, verdadeira e falsa. Verdadeiorque de fato os serviços do es-o são ruins, os profissionais são essados e as instalações são ru-Mas também é uma imagem a porque estas condições não foi criadas pelo funcionário públi-sim pela forma em que o estarasileiro foi montado e pela preão que as classes dominantes m sobre o estado brasileiro, copor exemplo destinar 30% do orento público para pagar juros lívida interna e externa.

J – *Em sua opinião, quais seriias conseqüências da reforma a universidade pública caso o o do governo seja aprovado sem ades modificações?*

liveira – No médio e longo praprimeira conseqüência é tornar iversidade menos atrativa para ros professores. Isso pode desar a universidade de quadros ortantes. Essa conseqüência não demorar para aparecer. Outra seqüência, mais importante, de go prazo, é a incapacidade de ar a universidade pública dos rsos à altura dos desafios do sente, desafios de um sistema é cada vez mais movido pela cia e tecnologia. Se nós descuimos da universidade, estaremos o irremediavelmente para um r eternamente subordinado na são internacional do trabalho talista. Pode haver uma regres-Só quem faz pesquisa científica rasil é a universidade pública. Se isso desaba tudo, porque a conuição do setor privado para ciêe tecnologia no Brasil é ridícula.

J – *Qual seria, em sua opinião, apel da universidade pública e momento de mudanças turbuas?*

liveira – Nesse momento de sição, a universidade deveria lar a iluminar as possibilidades s que o povo brasileiro tem para

Fotos: Antoninho Perri

"Se nós descuidarmos da universidade, estaremos indo irremediavelmente para um lugar eternamente subordinado na divisão internacional do trabalho capitalista"

retomar o crescimento e diminuir as desigualdades sociais, com suas pesquisas e seus acervos sobre a história brasileira. Isso ajuda muito. Na questão da energia nuclear, por exemplo, físicos importantes que atuavam em universidades públicas fizeram a crítica das opções da energia nuclear durante a ditadura, apontando os riscos. Angra dos Reis está aí confirmando toda a crítica que se fez naquela época. A universidade ajuda nesse sentido. A universidade não substitui a ação cidadã, mas ilumina o campo de estudo e leva à reflexão porque é o lugar onde se desenvolve o conhecimento. É a única instituição que tem capacidade de autocrítica. Sua matéria de trabalho é a dúvida, é a crítica.

JU – *O que o senhor quis dizer exatamente ao afirmar que estaria havendo uma crise de representatividade nos partidos políticos, em especial no PT, partido do qual o senhor é um dos fundadores históricos?*

Oliveira – Está havendo essa crise no PT, especificamente. O partido diz que está representando os trabalhadores. Mas quais trabalhadores, de quais setores? O PT foi fundado por um movimento sindical que hoje está muito danificado pela globalização, pela reestruturação produtiva. Não foi à toa que o setor sindical que mais cresceu na CUT, por exemplo, foi o dos funcionários públicos, porque até então eles não tinham sido muito afetados. A partir de agora, as instituições formadas para representar esse setor de trabalho serão danificadas. E isso leva a perder capacidade de representação.

JU – *Segundo o senhor, essa crise de representatividade estaria gerando descontentamentos internos no PT, o que daria margem para a articulação de uma dissidência. Está em gestação algum novo movimento dentro do PT?*

Oliveira – Não existe movimento em gestação. Inclusive, se dissesse isso estaria alvoroçando os caçadores de bruxas. O que existe é uma crescente insatisfação que passa por vários setores, incluindo parlamentares, militantes, gente que não se sente bem, que tem vergonha do que está acontecendo. Exemplo disso é que na primeira votação da reforma da Previdência, a Câmara saiu triste. Os deputados estão com a consciência perturbada, sobretudo aqueles de esquerda e do PT, porque estão conscientes de que deram uma mancada. Ninguém comemorou a vitória do governo. Quando os parlamentares aprovaram o impeachment de Collor (Fernando Collor de Mello), houve uma explosão de alegria na Câmara. Dessa vez, não tem alegria nenhuma relacionada a essa vitória do governo.

JU – *No que o senhor acha que pode resultar esse descontentamento interno no PT?*

Oliveira – Não sei. Seria apostar. Por enquanto não haverá uma recomposição porque a direção do partido está tratorando os dissidentes. A curto prazo não vejo nada. O que vejo é uma coisa subterrânea, uma crescente insatisfação, uma amargura.

JU – *Em sua visão, o que teria levado um governo petista a adotar uma postura que contraria o seu discurso histórico?*

Oliveira – É uma boa questão e também a coisa mais difícil a ser elucidada. A gente pode tentar uma solução fácil, dizer que eles traíram, que foram cooptados pelo grande capital, e tudo isso também é verdade. Mas a elucidação completa é muito difícil. Eu desconfio que há o predomínio de uma nova classe dentro do PT e que isso influiu poderosamente no partido.

JU – *E quais seriam as raízes dessa nova classe?*

Oliveira – As raízes estão na posição a que certos trabalhadores foram levados, por exemplo, na administração de fundos de previdência nas estatais, na administração do Fundo de Amparo ao Trabalhador, na convivência com organizações do tipo do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social). Isso vai criando uma ideologia comum. Isso consegue criar um descolamento, porque o trabalhador que exerce a administração de um fundo fica dividido. E nessa divisão, quem ganha é o lado administrador de fundos. Isso deveu-se a poderosas modificações na sociedade brasileira pelo processo de globalização e sobretudo pelo processo de financeirização da economia. Isso atingiu camadas de trabalhadores e os transformou em gestores de fundos capitalistas.

JU – *Por que essa suposta nova classe interna do PT teria emergido justamente no momento em que o partido alcança o ponto máximo do poder?*

Oliveira – O poder é o momento propício, além do fato de que você se vê obrigado a administrar uma economia capitalista. O PT é muito mal preparado teoricamente para administrar uma economia capitalista. O PT tem especialistas em fundo de previdência e gente que sabe como administrar isso. Mas quem faz o papel teórico de pensar o estado no PT?

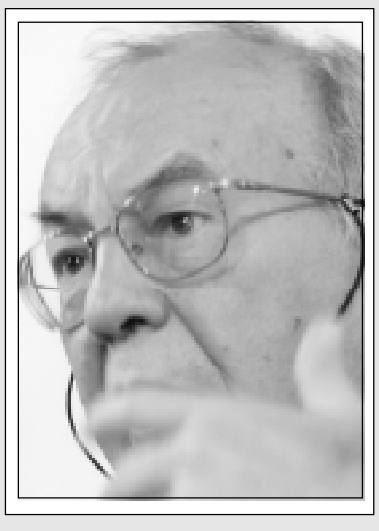
JU – *Isso tem a ver com a sua crítica à ausência de intelectuais no núcleo duro do governo?*

Oliveira – Isso poderia parecer um ressentimento por não ter sido convidado a compor o governo. Devo dizer, de saída, que abomino o poder e não estou fazendo nenhuma bravata. Quando Luiza Erundina se elegeu prefeita de São Paulo, uma das primeiras pessoas para quem ela ligou foi para mim, convidando-me para o cargo de secretário de Planejamento. Minha imediata resposta foi negativa. Não quero nada com o poder, não me seduz e estou vacinado contra ele. Mas é sintomática a falta de intelectuais no grupo do governo. Isso mostra a oligarquização do partido e uma disputa ferrenha pelo monopólio da interpretação do governo. Porque intelectual sempre perturba, sobretudo com os intelectuais que o PT tem.

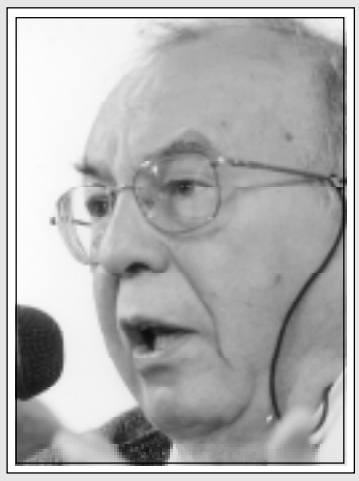
JU – *No momento em que um partido de esquerda assume um alinhamento com a direita, sem oposição, qual seria o futuro da esquerda no Brasil?*

Oliveira – Diria que é nebuloso.

O povo não vê o estado porque o estado é uma abstração teórica



O que vejo no PT é uma coisa subterrânea, uma crescente insatisfação, uma amargura



Desconfio que há o predomínio de uma nova classe que influiu poderosamente no PT

Não tem futuro previsível porque houve um embaralhamento grande. O PT foi a formação mais consistente de esquerda que o Brasil conheceu porque conseguiu fazer confluir vários movimentos que se amalgamaram no partido. No passado, houve o Partido Comunista que quase chegou a isso porque tinha massa popular. O partidão chegou a ter 10% dos votos para presidente em 1945, tinha uma reconhecida influência sobre os sindicatos e tinha a nata da intelectualidade brasileira. Depois o partidão entrou num processo de clandestinidade que o levou ao fisiologismo descarado e às alianças com a direita. O PT repete essa história triste do partidão. O PT é depositário de uma longa trajetória da esquerda brasileira. Se ele malbaratar essa herança, o destino da esquerda estará gravemente comprometido.

JU – *Ao mesmo tempo em que o senhor diz que o PT estaria malbaratando sua herança ideológica, todos sabem que vários grupos dentro do partido estão criticando essa postura. Em sua opinião, o que pode sobrar do PT?*

Oliveira – Sobra enquanto máquina partidária. O PT já é a máquina partidária mais importante do país e continuará a ser. Isso tem enorme importância porque essas são as instituições credenciadas para operar na política. Além disso, o partido tem ramificações em vários setores da sociedade, ligados a diversos interesses e, portanto, vai sobrar como partido. Mas como partido transformador duvido que sobre alguma coisa.

JU – *Nesse caso, qual o futuro daqueles que pretendem preservar as raízes históricas do PT?*

Oliveira – O futuro mais imediato que os aguarda é uma expulsão. A direção do partido forçará as pessoas a tomarem outro caminho. A longo prazo, é imprevisível. Não se cria um partido novo da noite para o dia nem sem bases sociais. Além disso, nessa sociedade, é cada vez mais difícil criar um partido político no estilo clássico. Não adianta ficar como o PSTU bradando em nome de um proletariado que não adere a ele. Os partidos políticos que se criam são como máquinas.